

O espaço-tempo do herói grego

Orlando Luiz de Araújo
Núcleo de Cultura Clássica – DLE – UFC

RESUMO

Era próprio dos heróis da Grécia arcaica e clássica não descurarem da sua condição honrosa, tampouco de questionarem o seu papel na guerra, na cidade, nas práticas sociais, como entrevemos, por exemplo, nos poemas épicos de Homero, *Ilíada* e *Odisseia*. A despeito de, aparentemente, pouco problemático, e fácil de definir, o herói se esconde sob muitas máscaras, o que torna pertinente a pergunta o que é um herói grego. Seguindo o desenvolvimento do gênero na Grécia, buscamos definir o que seria um herói. Para isto, usamos como fontes os poemas homéricos, a poesia lírica de Tirteu e o teatro, especialmente, de Sófocles. O herói grego, visto como uma potência integrada à coletividade, será abordado na sua relação com o espaço e os objetos (o acampamento de guerra, o escudo, o palácio etc.), que o constituem enquanto tal, e com o tempo a (i)mortalidade, o cotidiano etc.).

PALAVRAS-CHAVE: Herói. Épico. Lírico. Dramático.

ABSTRACT

The heroes of archaic and classical Greece do not neglect their honorable condition, nor question their role in war, in the city or in social practices, as we see, for example, in the epic poems of Homer, *Iliad* and *Odyssey*. Despite seemingly little problematic, and easy to define, the hero hides under many masks, which makes pertinent the question what a Greek hero? Following the development of the literary genre in Greece, we sought to define what would be a hero. For this, we use as sources the Homeric poems, lyric poetry of Tyrtaeus and the theater of Sophocles. The Greek hero, seen as a power integrated to the collective, will be approached in his relation with space, objects, and with time.

KEYWORDS: Hero. Epic. Lyrical. Dramatic.

O que é um herói?

Não temos, de forma alguma, a pretensão de respondermos à pergunta *O que é um herói grego?* Ela deve ser vista muito mais como um ponto de partida retórico, para tratarmos da concepção de herói grego antigo – na sua figuração épica, lírica e dramática –, do que da reta de chegada em que o vencedor é coroado e venerado, como os atletas dos hinos triunfais de Píndaro. Como ilustração do herói, toma-

mos como exemplo o Canto XI da *Ilíada*, de Homero. Após um longo dia de batalha, com vitórias sobre os troianos, os aqueus, Odisseu e Titono, regozijam-se e oferecem sacrifícios à deusa Atena. No entanto, Zeus não consente aos aqueus um longo descanso e, mal surge a Aurora, envia-lhes a medonha Discórdia (Ἐριδα...ἀργαλέην, v. 3-4). Essa põe-se de pé junto à nau de Odisseu, que se encontrava no meio entre às de Aquiles e as de Ajax, o filho de Télamon. Ao colocar-se no centro, a deusa Discórdia poderá ser ouvida pelos guerreiros que se encontram nas duas extremidades, os quais confiam, grandemente, na força do braço e na própria virilidade.

A Discórdia é o ponto que une três grandes heróis: Aquiles, Odisseu e Ajax. Acordados e instados à ação, cada um toma sua posição na linha de combate: Aquiles, o melhor dos aqueus, Odisseu, o homem do *lógos*, e Ajax, a fortaleza inexpugnável dos gregos. Homero utiliza a discórdia (ἔρις) como o elemento estruturante do poema, que lhe permite continuar a narração do ponto que estava prestes a terminar: o regresso dos guerreiros à pátria, pois, ao ouvir o grito enorme e terrível (μέγα τε δεινόν v. 10) da deusa, a guerra lhes parece mais doce do que regressar à amada terra, e a narrativa de guerra prossegue.

A partir de um elemento bem concreto, a saber, os três heróis mencionados, Homero, externamente, organiza os eixos narrativos que lhe permitem dar continuidade e unidade ao poema, e, internamente, a figura de Agamêmnon, o chefe dos gregos na expedição a Troia, é o elo que se separa da Discórdia, que tem a função de dispersar os heróis, e, ao mesmo tempo, organizá-los na linha do combate, ordenando-lhes que se armem, sendo, ele próprio, o primeiro a vestir seu bronze reluzente (νώροπα χαλκόν v. 16). O substantivo νῶροψ (o que é brilhante) seguido do atributo χαλκός introduz o aspecto físico e militar de Agamêmnon: a indumentária com adereços dourados, a descrição do escudo e as lanças brônzeas de pontas afiadas dão a dimensão, não apenas bélica e militar, mas também física, do guerreiro que as carrega.

Na *Ilíada*, o herói é, sem dúvida, alguém imbatível na guerra, capaz de tomar a decisão de lutar e que está sempre bem disposto e pronto para o combate, entretanto os deuses, em caso de necessidade, podem intervir – e farão –, para que a guerra não deixe de acontecer, como o grito da deusa Discórdia que impele os heróis ao combate. Para concederem honra ao rei de Micenas, as deusas Atena e Hera trovejam no Olimpo, torcendo por sua vitória e pela perdição de Heitor, o herói representante dos troianos. Mais um herói é introduzido na narração, desta feita, o inimigo dos gregos: Heitor, cuja estatura física e social é igual às dos gregos Ajax, Aquiles e Odisseu. A diferença se faz pela posição espacial em que cada um se encontra. Apesar de estarem em lados opostos, gregos e troianos buscam a glória imorredoura (*kléos*) a que todos os heróis da *Ilíada* perseguem. Apesar da imortalidade da mãe e da sua pequena invulnerabilidade, Aquiles sabe que morrerá jovem, mas a glória não o abandonará; Heitor, ao sair do palácio de Troia, deixando a esposa, o filho e os parentes, para combater com Aquiles, sabe, antecipadamente, que morrerá, mas isto não é razão para abandonar a busca pela glória que advirá da luta. Aqui, é preciso chamar a atenção para o “orgulho da poesia homérica” (Nagy, 1999, p. 38-39) que permite tanto a gregos quanto a troianos combaterem e morrerem para obter “a glória dos aqueus” (*Ilíada*, XI, 227).

O *kleós*, a glória imortal, é a categoria a que os heróis perseguem. Aquiles não é um dos melhores dos aqueus, ele é o ἄριστον Ἀχαιῶν (*Ilíada*, 1.244, 412; 14.271, 274), o melhor de quantos foram combater em Troia. Se todos os heróis perseguem-na, e se Aquiles é o melhor dos guerreiros gregos, o que são os seus pares que o acompanham em destreza e lhe equivalem na força? Na discussão com Agamêmnon, Aquiles se refere ao rei como alguém que reivindica ser o melhor dos aqueus (1.91; 2.82). No Catálogo das Naus, o narrador também canta Agamêmnon como o mais nobre (ἄριστος 2.580) que comandava a tropa mais numerosa dos soldados. Se o herói se define por sua participação no campo de batalha, na sua disposição para agir em combate e sua sagacidade na guerra, podemos afirmar que de quantos heróis foram a Troia todos, com exceção de um, talvez Tersites, possuam os requisitos que os erguem à categoria de herói. Logo, temos que nos interrogar como o poeta faz no Catálogo, inquirindo as Musas acerca de quem é o melhor dos homens: “Mas entre eles quem era o melhor diz-me agora tu, ó Musa” (2.761).

Nesse contexto, a distinção do poeta se faz entre cavalos e homens, selecionando-os dentre aqueles que foram os melhores que acompanharam os filhos de Atreu, Agamêmnon e Menelau, a Troia. Dentre os cavalos, os melhores são as éguas do filho de Feres, já para os homens, o poeta introduz um novo ἄριστος (2.768): Ajax, o filho de Télamon, que foi o melhor, enquanto Aquiles permanecia fora do combate ressentindo sua cólera, pois de longe Aquiles é o melhor (φέρτατος 2.769).

No Canto X, que ficou conhecido como a Dolonia, os aqueus planejam uma expedição contra os troianos, após deliberarem, antes de decidir quem acompanhará Diomedes, os dois Ajax se oferecem como voluntários, assim como Mérion, Antíloco, Menelau e, por fim, Odisseu (10.228-232). Agamêmnon dá a Diomedes o direito de escolher “o melhor (*áriston*, 10.236)” herói no grupo. Diomedes não pode escolher um homem menos bom, por uma questão de honra, ainda que o homem menos bom seja “mais real” (*basiléuteros* 10.239). Sem hesitar, Diomedes nomeia Odisseu alguém que excele no pensar (període noêsai 10.247), alguém que ele sabe que voltará são e salvo. Odisseu, assim, parece merecer o título de melhor dos aqueus, colocando-se ao lado de Aquiles e de Ajax. Mas como um homem *polýtropos*, exclama a Diomedes:

Tidida, não me louves nem repreendas em demasia.
Dizes coisas entre os Argivos que eles já sabem.
Mas vamos! Pois a noite se esvai e a aurora se aproxima;
os astros já avançaram e já passaram mais de dois terços
da noite: só nos resta agora a terceira parte. (*Iliada*, 10.249-53)

Dizer coisas entre os Argivos que eles já sabem é o alerta que Odisseu faz a Diomedes para que esse não leve coruja a Atenas. Em outras palavras, é como se Odisseu dissesse, no interior da narração, que os gregos conhecem a tradição que o elogia. Como o homem da palavra e da meditação, Odisseu exorta Diomedes à ação, deixando o exagero do elogio para outro momento, ou outro gênero, não cabendo, em um poema de guerra, fazer o elogio pessoal. De um lado, é como se Odisseu reivindicasse o reconhecimento da sua excelência em outro poema, de outro, Homero vai cantá-lo na *Odisseia*, onde o herói é, verdadeiramente, o *áristos Akhaiōn*, o melhor dos aqueus.

No Canto XI da *Odisseia*, ao encontrar Aquiles no Hades, Odisseu se refere a Aquiles como o melhor dos Aqueus, abrindo mão do título que lhe fora dado pelo poeta. Mas Aquiles parece não estar satisfeito com o título e reivindica para si a vida de Odisseu, dito de outro modo, parece reivindicar, também na *Odisseia*, o papel de melhor dos Aqueus, quando este cabe a Odisseu, já que o poema canta as glórias de Odisseu e sua tentativa de voltar a casa.

Odisseu é uma figura controversa por ser o homem da linguagem. Diferentemente de Aquiles e Ajax, ele põe as questões que lhe são razoáveis e lucrativas, assim ele se aproxima da subjetividade que emergirá com os poetas líricos gregos, mormente Calino e Tirteu, que cantarão a seriedade da guerra, fazendo o elogio necessário, mas também de Arquíloco, com sua verve satírica, que entre o general e o homem zambro, elegerá o segundo, desde que se ponha a salvo. Odisseu constrói sua fama como o melhor dos aqueus não pelo que ele faz em Troia, mas pelo que faz na *Odisseia*. Tirteu, o poeta lírico, exorta o herói, agora já refletido, a pensar a fronteira da vida e da morte, da morte no campo de batalha, mas a honra e a glória perene por ter defendido a pátria:

Eia! Combatei, juntos nos navios! Caso algum de vós
Seja golpeado ou ferido e encontre a morte e a sina,
Que morra! Não é vergonha p'ra quem defende a pátria
Ser morto! (495)¹

1. Tradução de Rafael Brunhara.

Se em Homero, como bem observa Snell (1992, p. 43), não há “uma reflexão genuína, um diálogo da alma consigo mesma”, pois “os homens homéricos ainda não despertaram para a consciência de possuir na sua própria alma a origem das suas próprias forças, não pretendem atrair tais forças mediante quaisquer práticas mágicas, mas recebem-nas de um modo completamente natural como dons dos deuses” (1975, 46). “Em Homero, não são os pobres e os fracos que se encontram mais perto de Deus, mas os fortes e os poderosos; o abandonado de Deus, isto é, o que está afastado dos deuses e deles não recebe dom algum, é Tersites”, o herói da exceção em tudo na *Iliada*, pois tem a covardia que repugna os heróis, é excessivo nas reclamações, enfim, destoa dos heróis que, como acentua Vernant, se inscrevem no ideal da “bela morte” como fonte das suas ações, não lhe cabendo o tremor, nem o temor.

Se Aquiles, Odisseu e Ajax são destemidos na *Iliada* e na *Odisseia*, podendo cada um a seu turno ser considerado o melhor dos aqueus, na produção literária posterior, esses heróis assumem feições distintas da homérica. Ajax é o herói de temperamento épico que é arrastado pela morte, por se recusar a viver em um mundo cujos valores destoam daqueles do mundo da epopeia; Aquiles reaparece na tradição trágica, mas sua dimensão não excede a do herói épico, cuja brevidade da vida lhe trouxe o reconhecimento, restando-lhe apenas um papel secundário na produção subsequente; já Odisseu, como o homem do cálculo, continua tecendo histórias quer como o narrador dos feácios, na *Odisseia*, quer como intruso na história alheia, como vemos no *Filoctetes*, de Sófocles, e a tentativa de roubar as armas do herói homônimo da peça.

O projeto dos heróis da Grécia arcaica e clássica parece ser o de não estarem sozinhos, mas, quer na vida, quer na morte, serem lembrados. O que é um herói grego? A pergunta se faz para definir o que seria um herói grego em todos os seus estados e dimensões heroicas. Poderíamos mesmo afirmar que eles são tanto os heróis das narrativas mitológicas, quanto aqueles que se constituem como produtos literários inscritos num contexto cultural determinado. O herói grego, encarado como uma potência integrada a diferentes formas literárias, pode ser abordado em sua relação com o espaço no qual se insere (o retorno de Agamêmnon ao palácio, e a volta de Odisseu a Ítaca são modelos proeminentes) e no tempo, como o encontro de Odisseu e Aquiles no Hades, a grande diferença do herói homérico para o herói trágico, por exemplo, tem Ajax como paradigma. Enfim, a partir da noção de herói, podemos discutir as comunidades humanas (a família, a cidade, as práticas sociais) ou as formas pelas quais o herói aparece aos homens e como eles podem ser representados ao lado do humano, visto que são semideuses ou quase imortais.

Como leitor ou ouvinte dos poemas homéricos, sabemos que Troia será destruída, que Heitor será morto, que Aquiles, mesmo imortal, será morto. Sabemos, antecipadamente, que Troia será destruída; mas muito mais grave ainda é a consciência/ dos troianos de que a desgraça será coletiva, é a certeza de que a cidade está destinada ao desaparecimento, incorporando, de alguma maneira, a morte. Agamêmnon sabe que Troia cairá, mas Heitor parece não se preocupar com isto, diz a Andrômaca, sua esposa:

Todas essas coisas, mulher, me preocupam; mas muito eu me envergonharia dos Troianos e das Troianas de longos vestidos, se tal como um covarde me mantivesse longe da guerra. Nem meu coração tal consentiria, pois aprendi a ser sempre corajoso e a combater entre os dianteiros dos Troianos, esforçando-me pelo grande renome de meu pai e pelo meu. (6.441-46)

Recorrendo ao célebre nome do pai, à imagem do sentimento de vergonha do herói que, de forma covarde, foge da guerra, e ao aprendizagem – sempre voltado para a virtude guerreira –, Heitor constrói sua imagem heróica. Sua estatura heróica consiste na sua dimensão de homem corajoso. Tal dimensão o torna livre, tema que, verdadeiramente, lhe preocupa, pois sabe que chegará o dia em que a sacra Troia será destruída:

Mas não é tanto o sofrimento futuro dos Troianos que me importa,
nem da própria Hécuba, nem do rei Príamo,
nem dos meus irmãos, que muitos e valentes tombarão
na poeira devido à violência de homens inimigos –
muito mais me importa o teu sofrimento, quando em lágrimas
fores levada por um dos Aqueus vestidos de bronze,
privada da liberdade que vives no dia a dia:
em Argos tecerás ao tear, às ordens de outra mulher;
ou então, contrariada, levarás água da Messeida ou da Hipereia,
pois uma forte necessidade terá se abatido sobre ti. (6.450-58)

A consciência de que somente a coragem e a disposição para o combate não são capazes de salvar a si mesmo e evitar a violência contra as mulheres troianas entra na composição do que é ser um herói grego. Apesar da força, Heitor sabe que não será capaz de evitar o sofrimento dos que ama, especialmente, a degradação física e moral daquelas que se tornarão escravas dos gregos.

Aqui, parece-nos estar uma possível resposta para a pergunta *O que é um herói grego?* Mais do que o medo da morte, o herói teme a perda da liberdade, o aniquilamento pela perda do direito de ser chefe da sua própria armada e rei do seu próprio trono. Heitor sabe que morrerá, pois a vida é efêmera, mas não suporta a ideia de que sua esposa seja escrava de um grego. Nas palavras de Heitor, encontramos o eco de uma longa tradição que aparece nas páginas do historiador Heródoto, quando um grego interpela um persa e o censura dizendo que este desconhece o que é ser grego, visto que desconhece o sentimento de liberdade e o que é ser livre. Mais ainda, o herói não é apenas o homem dos grandes e maravilhosos feitos, mas é aquele que alguma importância e vantagem trouxe para a cidade, permitindo que o povo do lugar o possa cultuar no centro cívico da comunidade.

Para finalizar, o herói é aquele que se coloca entre o humano e o divino, mas que pertence a ambos. Dito de outra forma, não seria o mesmo que se colocar entre o deus e o animal, como Aristóteles coloca o homem? A partir daqui, outra pergunta à maneira socrática, mas o que é o homem? Não é esta a pergunta de Sócrates a Alcibíades acerca da natureza humana, a que esse responde não sei? Mas o poeta, talvez mais ousado do que o filósofo, arrisca dizer o que é o homem, se não na sua totalidade, pelo menos no que ele tende a ser: de todos os animais, o mais extraordinário, mas também, no contexto da *Antígona* de Sófocles, o mais terrível. E quem são, no contexto da *Ilíada* e da *Odisseia* os mais terríveis, por serem os mais extraordinários diante da busca pelo *kléos*, a glória imortal, senão Aquiles, na *Ilíada*, e Odisseu, na *Odisseia*, mas Heitor, como o homem sem nenhuma proteção, também não é um dos melhores na sua humanidade, especialmente no que ela tem de heroica? Assim, retomamos a pergunta *O que é um herói grego, afinal?* Não é aquele que é cantado pelo poeta, porque este ouviu o canto da boca das Musas?

Referências

- BRUNHARA, Rafael. *As elegias de Tirteu: Poesia e performance na Esparta arcaica*. São Paulo: Humanitas, 2014.
- HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.
- HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

NAGY, Gregory. *The best of achaeans: Concepts of the hero in archaic greek poetry*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999.

SNELL, Bruno. *A descoberta do espírito*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1992.

SINEUX, Pierre. *Qu'est-ce qu'un dieu grec?*. Paris: Klincksieck. 2006.

SÓFOCLES. *Antígona*. Tradução de Mara Helena da Rocha Pereira. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, s/d.

*Recebido em 25 de agosto de 2017.
Aprovado em 25 de novembro de 2017.*